

DA VIOLÊNCIA SOFRIDA À VIOLÊNCIA PRATICADA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DAS PROSTITUTAS

*Vera Lúcia Massoni Xavier da Silva**

1-INTRODUÇÃO

Discutir a questão da mulher requer um retrospecto histórico a respeito dos discursos que normatizaram seu lugar e sua posição na sociedade predominantemente machista.

A partir de meados do século XIX, elaborou-se um novo modelo normativo de mulher, imposto, primeiramente, às moças de famílias privilegiadas e, gradativamente, às das classes trabalhadoras.

As ricas propunham preparo para o casamento, a preocupação com o estético; diferentemente, às pobres destinavam-se os escritórios comerciais, as fábricas, revelando, portanto, uma migração das mulheres para o espaço público, exigindo-se, mesmo das mais afortunadas, sua presença nos diferentes espaços da cidade.

O que, a princípio, parecia um avanço, uma conquista das mulheres, na verdade, não representou um abrandamento de exigências morais, pois quanto mais a mulher se afastava do lar, mais lhe era cunhado o sentimento de culpa e de abandono do lar e dos filhos, prática que continua até os dias de hoje. (RAGO, 1997)

Assim, ainda que integrantes do movimento operário, as mulheres eram consideradas subordinadas aos seus líderes, reproduzindo, então, o papel de submissa, de mãe, de dona do lar.

O discurso médico endossa essa simbologia de mulher, uma vez que preconiza o mito do amor materno (RAGO, op. cit.), cabendo à mulher concentrar todo seu talento à vida doméstica, encarando a missão de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família.

As mulheres que ocupavam o espaço público e contratavam amas de amamentação eram severamente criticadas, sendo cunhada a essa prática a expressão “cancro degenerador da sociedade”. É interessante salientar que as razões médicas (o leite materno é o melhor alimento para o bebê) que levaram a essa prática não foram consideradas, imprimindo-se às mulheres a tarefa de assegurar a manutenção da família e da sociedade, como se isso fosse, unicamente, de sua inteira responsabilidade. Em outras palavras, nesse discurso, silenciaram-se os discursos econômicos e sociais, muitas vezes, os reais desestruturadores dos lares, pois as mulheres se vêem obrigadas a complementar (às vezes, serem as reais provedoras) o orçamento doméstico. Nesse quadro, a mulher passa a trabalhar no espaço público, deixa seus filhos e seu lar, mas carrega consigo a culpa de ser a responsável direta pelo bom andamento do lar, da família e da sociedade.

* IMES/FAFICA- Catanduva- SP

Em relação ao sexo, a simbolização da mulher dona de casa, pregada pelo discurso burguês do século XIX, a vê como assexuada, desprovida de prazer, justificando-se toda a permissividade masculina como decorrente da própria constituição biológica.

Essa castração é imposta, desde a infância, em que a criança deveria ser impedida de tocar seus órgãos genitais. Diante desse quadro, surge o questionamento: o que fazer com as mulheres que não se enquadram nesse modelo de virtude? O que fazer com as prostitutas?

O discurso médico vê a prostituição como vício que se alastra, como anormalidade, como delinqüência.

Ressalte-se que a prática da prostituição, entre meados do século XIX e início do século XX, era atribuída à miséria econômica da mulher, que não conseguia meios para o sustento do lar, de sua família. Se, por um lado, a literatura via nesse discurso algo romântico; por outro, o que pesava argumentativamente era o discurso de amante carente do luxo, preguiçosa, carente de educação moral, jovem dotada de erotismo. São dois discursos conflitantes, sem que se busquem, empiricamente, as razões que impulsionam as mulheres à prostituição.

Em seu estudo dedicado à prostituição, Rago (1991) afirma ser a prostituta considerada como “mulher pública”, “mulher sem freio”, opondo-se à mãe, à mulher normal, integrante do espaço privado.

A prostituta, adepta da bebida, do fumo, das drogas e das brigas era equiparada aos criminosos, à visão esquerda do mundo.

Na relação das prostitutas com os homens o que importa é a performance comprada, que requer satisfação imediata. Nesse sentido, tais relações aproximam-se da animalidade e a violência física, psicológica e de gênero são marcantes.

Cabe salientar que a violência sofrida pelas prostitutas não se circunscreve aos autores masculinos, mas a cafetina-mulher- também a pratica, tornando-as suas escravas. O poder exercido pela cafetina assemelha-se ao regime de trabalho escravo, em que o sujeito subalterno está sempre devendo ao senhor, sendo-lhe impossível saldar as dívidas.

Se é possível traçar um quadro das marcas que caracterizam as prostitutas, cabe, igualmente, investigar as que as fazem diferentes. Essa é a proposta desse artigo, ou seja, é nossa intenção buscar o sujeito culturalmente construído, identificado, mas que efetua escolhas, um sujeito que se constrói nos fios do discurso que tece.

2-NOSSA INFORMANTE: SUA VIDA, SEU DISCURSO

Nossa informante, prostituta, 35 anos, negra, que cobrava os programas de acordo com o carro do cliente, em seu discurso sobre sua infância, deixa entrever a violência sofrida

“ aos doze anos caí no mundo, foi só sofrimento, só sofrimento, morava na zona, injetava drogas e contraí o vírus da Aids”.

Entendemos que o uso de drogas é uma violência auto infligida, ainda mais no tocante às drogas injetáveis.

O seu relacionamento com a família, durante sua infância, foi bastante tumultuado, revelando uma desestruturação familiar muito grande: perdeu o pai muito cedo, não chegou

a conhecê-lo, brigava muito com a mãe, que a punha fora de casa. Nessa atitude, observamos a violência doméstica, pois a mãe, ao invés de proteger a filha, amparando-a, reproduzindo atitudes pré-estabelecidas para a mãe, mandava-a para a rua. Nesse sentido, há o deslocamento do espaço privado, reservado ao campo do feminino, para o espaço público –masculino. Cabe acrescentar que, ao ser inquirida sobre o fato de a sua mãe trabalhar, nossa informante respondeu-nos: “Ela trabalhava, ela era biscate”, levando-nos a concluir que a prostituição é vista como uma profissão, embora afirme que esse tipo de vida é “dura” e que “não vele a pena”.

Um dos fatos que marcaram, sobremaneira, a vida de nossa informante foi quando descobriu ser portadora do vírus da Aids. Tal fato causou-lhe depressão, tristeza e vontade de sumir. Entretanto, imediatamente, reconhece que “é preciso conviver com a doença”, revelando um discurso bastante conformista. Ao mesmo tempo, observamos um discurso de revolta, quando afirma a necessidade de buscar ajuda e as portas lhes são fechadas, pois as pessoas se negam a ouvi-la, se negam a ajudá-la. Trata-se do preconceito contra os portadores do vírus, não bastassem os já existentes referentes ao gênero, à etnia e à classe social. Essa discriminação acarreta, no sujeito, uma carência afetiva, que só é preenchida, segundo ela, nas reuniões do Gaza (grupo de apoio ao portadores), onde encontra distração, ocupação e encontro com amigas. Trata-se do discurso da solidariedade, que lhe dá forças para “sobreviver”. Esse espaço, na verdade, agrupa seres, independentemente da raça, do gênero e da classe social, que apresentam os mesmos problemas físicos e psicológicos, configurando-se como um espaço que propicia ao sujeito o deixar de ser o “outro”, o diferente, na sociedade, e onde ele passa a encarnar um “nós”, portadores do vírus, portanto, sujeitos iguais.

É interessante ressaltar que, mesmo nesse espaço destinado ao apoio às vítimas de Aids, ocorre a discriminação, pois, segundo nossa informante, há uma funcionária que age como se tivesse “nojo” das pessoas que lá estão. Ao comentar esse fato, ela deixa transparecer uma reação violenta, como se depreende em “eu chamei a chefe do Gaza e falei que a fulana não gostava de nós, tinha nojo de nós, eu disse pra ela que ela deveria ir embora dali”, ressaltando-se que há mudança no seu tom de voz.

Na atitude dessa funcionária, subjaz a metáfora da limpeza, opondo-se à da sujeira. Em outras palavras, no “nojo”, depreendemos a discriminação contra sujeira moral (prostituição), social (pobreza), física (doença), enquanto a funcionária silencia a posição discursiva de limpeza, o lado sadio da sociedade, o normal, o socialmente constituído, ou seja, ela própria.

No espaço da prostituição, é possível a depreensão da divisão na relação clientes e corpo e, provavelmente, não clientes e corpo. Para as prostitutas, há determinadas práticas sexuais que não devem ser exercidas, há determinadas partes do corpo que não devem ser tocadas pelos clientes. Assim, em nenhum momento, observamos em seus relatos a prática da carícia, do estímulo libidinoso, do beijo, nem tampouco do diálogo com o freguês, como se pode depreender em “não falo nada, o cara chega e faz e pronto, não fala nada de sua vida, nunca tive relacionamento amoroso com eles”. Outro fato não mencionado na relação corpo-cliente é o prazer da prostituta, o que nos leva a inferir que inexistente nessas relações.

Cabe salientar, entretanto, que as prostitutas possuem um outro lado, o da vida afetiva, embora reconheçam que o amor não tem muito espaço em suas vidas. Segundo nossa informante, os três relacionamentos afetivos que teve foram tumultuados e nunca se iniciaram com os fregueses. A violência física sofrida e praticada por nossa informante se fez presente em seus relatos, como se observa em

“o pai desse menino, ele chegava em casa cheio de pinga, me batia, aí nós destruía tudo, já quebramo três casa, até faca nós usamo, olha as marca de faca no meu braço, não dá certo”.

Chama-nos a atenção o fato de nossa informante negar que tenha sofrido ou que sofre violência, pois, ao mesmo tempo que afirma “ eu nunca sofri violência”, observamos “olha as marca de faca no meu braço”, instaurando a polêmica discursiva. Além disso, há que se considerar que a violência é praticada por ela, como depreendemos em “eu brigo mesmo, eu pego faca e corto os nego”, ressaltando-se que há, inclusive, mudança no tom de sua voz, pois o tom de “coitada”, de “ vítima” desaparece, dando lugar ao violento, figurativizando, dessa maneira, o agressor..

Quando inquirida sobre o fato de ter sofrido estupro, nossa informante respondeu negativamente, porém, mais adiante afirmou-nos que há clientes que praticam sexo anal, oral, à força. Para esse relato, ela usou termos chulos, embora tenha pedido permissão para fazê-lo, deixando evidente a consciência dos interditos.

Ao reclamar desses clientes, observamos que há práticas sexuais que não são instituídas nos programas. É como se houvesse determinadas regras específicas para a prostituição, conforme afirma Gaspar (1984: 112)

Garotas que fazem programa constroem uma maneira particular de se relacionar com o próprio corpo, estabelecendo limites e barreiras simbólicas em relação a cada programa e aos clientes em geral.

No relato que fez sobre um programa, nossa informante disse que um cliente a levou de moto para um lugar afastado da cidade, impôs-lhe um revólver à nuca, praticou sexo anal e, em seguida, deu um tiro para o alto, largou-a sem roupa nesse lugar e foi embora. Além disso, chamava-a de negra, caracterizando, portanto, a violência física (estupro) e a violência psicológica (negra). Para ela, esse foi um dia terrível, suscitando até reflexões do tipo: “será que vale a pena por tão pouco a gente quase perder a vida”. Entendemos que, para nossa informante, estupro tem um outro sentido, uma vez que não conseguiu discernir, nesse relato, que o tenha sofrido.

Um outro exemplo de violência sofrida diz respeito ao relato que faz sobre o fato de ter perdido uma filha aos oito meses de gravidez. A criança morreu em seu útero “saía os pedaços da criança, eu quase morri, minha mãe comprou um caixão e enterrou”. Segundo ela, isso foi decorrência da brutalidade com que os homens praticavam o ato sexual, ressaltando-se que, à época, ela morava na zona de meretrício:

“os homens socava, socava, eu chorava de dor na barriga, não conseguia bota o pé no chão, no dia seguinte”

Entendemos que, além da violência sofrida nos atos sexuais, há a violência moral pelo fato de ter que se submeter às relações sexuais grávida de oito meses, contrariando o próprio discurso médico que proíbe, ou, pelo menos, recomenda certa cautela nesse período.

Em relação aos sonhos, nossa informante afirmou não tê-los, reiterando essa afirmação “eu não tenho sonho, não tenho sonho”. Ressalta, também, sua vontade de “sumir para o mundo, arrumar as malas e fugir sem ter para aonde ir”. Ao mesmo tempo

que tece essas considerações, imediatamente, emerge o discurso da mãe, conforme se depreende em:

“ eu penso muito nos meus filhos que não pediram pra vir, agora eu vou querer largar tudo?”.

Mãe aos doze anos, nossa informante teve oito filhos, sendo que dois morreram e os demais foram entregues a familiares. No momento em que fala de suas filhas (uma casada; outra noiva) seu tom de voz se enche de doçura, depreendendo-se ternura, características do feminino, ao se pronunciar sobre as justificativas que dá às filhas sobre o fato de tê-las entregue, como se pode observar em

“Eu falo pra elas que elas não podiam ter o mesmo destino que eu. É melhor estar com parentes do que ser dada pra qualquer um”.

Nessa fala, embora já tenha explicitado que prostituição é um trabalho, inferimos o já-dito, o consensualmente construído discursivamente sobre prostituição, ou seja, ser prostituta é ruim, é viver à margem da sociedade, é ser “anormal”.

A sua emoção aumenta, na medida em que fala do carinho que as filhas lhe dispensam

“elas me chamam de mãe, isso me deixa feliz. Quando estou internada, elas vão me visitar. Isso me dá forças para viver”.

Em relação às práticas de suas filhas, podemos dizer que há o discurso religioso sobre o perdão, pois, embora tivessem sido abandonadas, ainda visitam a mãe, inferindo-se, nessa prática, que existe amor filial.

Na verdade, podemos afirmar que, de um lado, há a violência do abandono, praticada por ela mesma; do outro, a tentativa de minimizar esse ato, justificando-o como sendo melhor para quem não tem outro meio. Então, o discurso consensual de que a mãe deve proteger e cuidar dos filhos opõe-se ao discurso do abandono que, do ponto de vista de nossa informante, deve ser entendido como forma de amor. Em outras palavras, amor de mãe é privar-se dos filhos para que eles possam ter uma vida melhor. Trata-se de um discurso de uma identidade específica de mãe: a mãe prostituta. É justamente por ter a identidade materna e a identidade de prostituta que se justifica esse amor.

A relação da nossa informante com a cafetina não difere do consenso: a cafetina – mulher- escraviza as prostitutas, a ponto de tirar-lhes a comida do dia, caso ela não tenha dado lucro para a casa, na noite anterior. Às vezes, chega a tirar todo o dinheiro da prostituta, deixando-a sem nada. Esse relacionamento, esse tipo de violência não se refere ao sexo, pois, no próprio gênero, há implicada a relação do poder. Nesse caso, não é o homem que subordina a mulher, mas esse tipo específico de violência de gênero é praticado por duas mulheres, é a mulher explorando outra mulher, reproduzindo relações entre homens e mulheres, entre os campos masculino e feminino.

Cabe salientar que dar lucro para a casa é incentivar o consumo de bebidas alcoólicas, o que nos leva a afirmar que o trabalho da prostituta não se resume a levar homens para a casa, mas também a convencê-los a gastar no bar.

Depois de ter analisado a identidade de nossa informante como prostituta e mãe, passamos a analisar o discurso de filha, que se presentifica no seu relato, uma vez que nossa informante antecipa a imagem de sua mãe, como se verifica em

“ Imagino o que minha mãe teve que passar por dentro, duas filhas com Aids, um filho diabético, não escapou ninguém, nem ela que teve que cortar uma perna. Eu sofro com isso”.

Nesse relato, observamos que, para ela, a vida desregrada trouxe sofrimentos, seguido de arrependimento. Tal discurso se torna mais explícito quando, ao ser inquirida sobre a hipótese de voltar no tempo, disse que gostaria de ter sua saúde restabelecida, ter emprego e cuidar dos filhos, revelando o entrecruzamento das identidades de prostituta, mãe e filha.

Os discursos religioso e médico perpassam a fala de nossa informante que diz acreditar em Deus “ eu acredito em Deus, por isso estou vivendo” e que jamais faz programas sem camisinha, para não transmitir aos outros o que trouxe para si com as próprias mãos “fui eu que pus o vírus em mim, eu não posso fazer isso com os outros. Ressalte-se que, segundo ela, alguns homens não querem usar camisinha e que amigas de profissão, às vezes, também não usam, deixando entrever que a conscientização sobre os problemas de Aids não é coletiva.

Em relação ao uso de drogas, nossa informante afirmou que não usa mais, porém, a droga socialmente permitida, o álcool, é ingerida por ela semanalmente. Nessa prática, observamos um agravante, pois, segundo ela, “quando estou bêbada eu bato mesmo”, deixando de ser a agredida, transformando-se em agressora, graças aos poderes do álcool. Além disso, trata-se de uma forma de evitar o uso das demais drogas, revelando, portanto, a substituição de uma droga por outra, o que não deixa de ser violência auto-infligida, porque ela tem problemas no fígado e nos pulmões.

3-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do discurso de nossa informante revelou-nos que a violência sofrida é, na maioria das vezes, silenciada “não fui estuprada, não fui violentada”, opondo-se ao que realmente ocorre na vida real. Isso nos leva a afirmar que, para ela, a violência tem outro sentido, talvez, violência seja assassinato.

Por outro lado, a violência praticada é explícita, pois afirma “eu brigo mesmo, eu pego faca e corto o nego”, ressaltando-se que seu tom de voz é bastante severo, rude, símbolos da masculinidade.

Podemos afirmar que, no discurso analisado, há graus de violência sofrida por nossa informante. Assim, há a violência física, concebida como cliente que a trata mal, deixa-a em lugar distante de onde combinou o programa, exige sexo oral e anal, encosta arma na sua cabeça; violência moral e psicológica “sua negra”, “ ela tem nojo de nós”, “ a vida é só sofrimento”; violência doméstica “minha mãe me mandava pra rua”. Cabe salientar que das violências citadas a referente à humilhação é mais explícita que à física, revelando, dessa maneira, um discurso de dominação psicológica.

Em relação à violência praticada, o quadro não se apresenta diferente, pois nossa informante briga, agride seu companheiro, deu seus filhos para parentes, conforme já assinalado.

Finalmente, gostaríamos de salientar que nossa informante reproduz os discursos socialmente construídos para a prostituta, mas se deixa clivar por outros discursos, como o da mãe, o da filha, o de negra, por exemplo. Então, o que aparenta ser contraditório nada mais é do que o desejo de vivenciar as múltiplas, e, muitas vezes, complexas identidades.

REFERÊNCIAS

- BLAY, Eva Alterman. “Violência contra a mulher e políticas públicas”. IN: **Estudos Avançados** 49. São Paulo: USP, 2003.
- GASPAR, M. de. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. RJ: Zahar, 1984.
- MOORE, Henrietta. “Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência”. IN: **Cadernos Pagu**. Campinas: UNICAMP, 2000.
- PASINI, Elisiane. “Limites Simbólicos corporais na prostituição feminina”. In: **Cadernos Pagu**, 2000, n. 14. IFCH- Unicamp. Campinas, São Paulo, p. 181-202
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

